ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

MURILO RUBIÃO, LEITOR: AS RESSONÂNCIAS MITOLÓGICAS PRESENTES EM *TELECO, O COELHINHO*

Murilo Rubião, reader: mythological resonances present in Teleco, o coelhinho

Amanda Naves Berchez[i]
Universidade Federal de Alfenas
Wellington Ferreira Lima[ii]
Universidade Federal de Alfenas

Resumo: O presente artigo visa a analisar em que medida o conto *Teleco, o coelhinho*, de Murilo Rubião, tem referências da mitologia grega, sobretudo provenientes da obra clássica *Odisseia*, de Homero. Além disso, há a intenção de identificar, a partir das leituras sugeridas na contística de Murilo Rubião, os valores que a principal personagem do conto em questão, o coelho Teleco, pode adquirir por meio do viés mitológico, principalmente pelas correspondências com o Telêmaco homérico.

Palavras-chave: Murilo Rubião; Telêmaco; *Odisseia*.

Abstract: The present article aims to analyze by what means the short story *Teleco, o coelhinho*, by Murilo Rubião, has references from Greek mythology, especially from the classical work *Odyssey*, by Homer. Furthermore, there is the intention of identifying, from the readings which are suggested in Murilo Rubião's works, the values that the main character of the referred short story, the rabbit Teleco, may get resorting to the mythological bias, mainly by the affinity with the Homeric Telemachus.

Keywords: Murilo Rubião; Telemachus; *Odyssey*.

Introdução

Houve um momento em que mito e logos andaram juntos, em que a tradição se fazia presente e não se encontrava quaisquer outras tentativas se não as de fundamentar e justificar o homem em seu universo. O mito era, de fato, vivido, experienciado, era palavra viva, experiência factual do mundo, perpetuado sem razão de o ser, não dispondo de nenhum outro fim

que não o seu próprio. A partir do momento em que o mito foi submetido ao estatuto da razão e, com isso, sofreu tentativas de organização e ordenação, em que houve uma racionalização mítica, foi que se deu a cisão final entre mitos e logos. Foi quando aquele que se chama por Homero, ao tecer as primeiras grandes manifestações da literatura ocidental, as obras *Ilíada* e *Odisseia*, também se apropriou de uma tradição oral em que vigoravam valores míticos, transpondo-a para a esfera do poético. Foi quando Evêmero, no século III a.C., tentou explicar os mitos por uma perspectiva histórica. Foi assim que, na Grécia, o mito, não mais podendo ser vivido ou experienciado, foi cedendo lugar à mitologia, isto é, ao estudo sobre os mitos, no sentido de que uma começa onde o outro termina.

Desde então, a mitologia grega passou a se configurar como um sistema que se esforçou em entender o mito antigo, o que não excluiu a possibilidade de o mito, mesmo já distante em termos de realização e experiência, ter sido um objeto sobre o qual vários houveram de se debruçar reiteradamente até chegar à era atual. Por dado motivo, é que Gaston Bachelard consegue afirmar que a mitologia se encontra convertida em "uma sequência de poemas", sendo "compreendida, amada, continuada pelos poetas". "Haveria melhor prova", sugere o mesmo autor, "de que os valores míticos permanecem ativos, vivos?" (DIEL, 1991, p. 10).

A mitologia grega persiste pela atualidade com o auxílio de cineastas, escultores e escritores contemporâneos, tendo conhecido novas perspectivas nas quais é vislumbrada perante os olhos do presente, os olhos do agora. É como acontece com a contística de Murilo Rubião, enveredada pelo realismo fantástico, como sustenta Jorge Schwartz (1981), a fim de ensejar leituras diversas que se tornam possíveis se observados os subtextos presentes, apontados por Sandra C. Nunes[1] em *Visões da crítica*, entre eles o

[1] Disponível no *site* de Murilo Rubião no endereço: https://goo.gl/4f7qTc.

mitológico. No entanto, o que a mitologia grega teria efetivamente a oferecer à leitura dos contos murilianos?

Primeiramente, algo que justificaria uma possível citação intertextual é o fato de o mito ser análogo à fantasia, à medida que, ao logos e à razão, os dois respectivamente se opõem, sem contar o fato de ambos comportarem em si próprios elementos que transgridem a realidade objetiva, tal como o sobrenatural. A essa citação intertextual, referir-se-á, aqui, não como mítica, mas, sim, como mitológica, e o porquê será melhor entendido a seguir. Como bem afirmou Jacyntho L. Brandão, o mito não poderia diferir daquilo que representava, o que pressuporia ausência ou inexistência da palavra em si. Contudo, o "ato humano de *recolher*, *dizer* e *significar* as coisas" (BRANDÃO, 1985, p. 12) implicou um trabalho do logos sobre o mito, a partir do qual coisa e palavra se separaram, tornando-se inconcebível a citação mítica. Assim sendo, Murilo Rubião não recupera o mito ao engendrar os seus contos, pois nem se quisesse o poderia, frente à impossibilidade de realizá-lo factualmente como os antigos gregos o teriam feito. Apesar disso, de acordo com o mesmo crítico, a consciência coletiva "tira seus dados de um inconsciente coletivo criado na Grécia, cuja epifania se dá nos mitos", os quais representam "a conscientização e cristalização do processo subjacente à formação de nossa cultura" (BRANDÃO, 1985, p. 13). Logo, o que o autor mineiro faz é se empenhar para que o mito seja contemplado a partir das fontes disponíveis, como os clássicos de Homero. Trata-se de uma citação que tem por particularidade ser aurática, uma vez que não se pode evocar aquilo que não se tem. Evoca-se, sim, a ideia do mito.

Os contos murilianos se configurariam, então, como o perfeito sítio para vincular o mitológico ao fantástico. Além disso, a escolha de Murilo Rubião pode ter sido motivada em virtude de o universo mitológico ser capaz de remeter a um outro espaço que pode ser explorado à luz do fantástico, de corroborar o propósito dos subtextos. Ou seja, Murilo Rubião

parece intuir o mito para construir algo – como faz com a personagem de Teleco em *Teleco, o coelhinho* –, algo que escapa à realidade, ganha amparo no fantástico, principalmente por meio de traços mitológicos. É o que pretende sustentar o artigo.

Enfim, a questão a ser discutida é a seguinte: teria Murilo Rubião realmente recorrido aos clássicos ao conceber sua contística? Se a resposta que se pretende é sim, então há de se mostrar, agora, em que circunstâncias a certeza de uma recepção prevalece, pelo menos no que concerne ao referido conto. Mais tarde, se a resposta ainda for sim, é que talvez se consiga delinear os efeitos alcançados pelo autor a partir de seu posicionamento quanto à tradição literária mitológica.

Herança mitológica em potencial: entre a epopeia e o conto

As obras atribuídas ao poeta chamado por Homero são tidas como pontos iniciais da literatura que se formou com base no pensamento grego, inclusive no que diz respeito ao pioneirismo de representação literária do mitológico, e como evidências escritas de continuidade e de preservação de uma tradição oral, além de, mesmo hoje, servir como paradigmas para composições posteriores, como o trabalho pretende corroborar. Nessas epopeias homéricas, narrou-se acerca de grandes lutas, acerca dos feitos de ilustres varões, que logravam o estatuto de heróis, situando-se entre as esferas humana, dado o advento de sua mortalidade, e divina, pela excepcionalidade e excelência de ações.

Exemplo insigne em que sucedem os eventos citados é *Ilíada*, que, além de relatar sobre decorrências da guerra de Troia, também evidencia o fato de que a epopeia se configura como o campo em que melhor eram demonstradas as virtudes guerreiras dos heróis, em que estes mais se aproximavam do divino e manifestavam maior seguridade de si. É, pois, o caso de Odisseu, o qual participa desse mesmo conflito e dele se destaca graças à sua solércia, mas tem, interessantemente, seu regresso pós-guerra

à terra natal, a ilha de Ítaca, narrado em outra obra homérica, *Odisseia*.

Contudo, por quais razões poderia ter um dos contos de Murilo Rubião sido direcionado à obra homérica, havendo forte possibilidade de estar, assim, articulado à questão mitológica? O objeto do qual se parte é o conto *Teleco, o coelhinho*, em que se tem a história do personagem-título, um coelho de nome "Teleco", usando do artifício metamórfico com o objetivo, além da busca por uma identidade, de que fosse aceito pelo outro. É assim que, em sua forma original, a de coelho, conhece o narrador em uma praia, pedindo-lhe um cigarro em uma abordagem pouco convencional, mas acaba, em seguida, por simpatizar e criar laços com ele, a ponto de ser levado à sua casa, na qual passam a residir juntos. Essa é a conjuntura inicial desse conto de Murilo Rubião, publicado, pela primeira vez, em 1965, no livro *Os dragões e outros contos*.

Assim sendo, uma das razões mais manifestas é a metamorfose, comum na mitologia grega, como apontam os clássicos de Homero e Ovídio, mas também altamente presente e abordada contemporaneamente, como aponta o conto. Essencial à discussão metamórfica, uma figura em particular se destaca dentro da mitologia grega, que é a de Proteu, cuja narrativa mais famosa está na obra *Odisseia*. É em seu quarto capítulo que há de se descobrir uma divindade marinha, cujas capacidades se resumem à metamorfose e à profecia de eventos futuros. Dessa última, desfrutavam somente os que conseguissem, pela paciência, esgotar seu acervo metamórfico, obtendo, assim, os vaticínios que dele desejavam; antes disso, Proteu haveria "de tentar transformar-se na forma de todos os sêres / que sôbre o solo rastejam, e em chamas ardentes e em água." (HOMERO, 2005, IV, v. 417-8). Foi o que aconteceu com Menelau, que, com a ajuda da filha de Proteu, conseguiu vencê-lo e dele arrancar, entre outros fatos, o de como retornar ao lar. Mesmo curta, a passagem em questão se dá em virtude de Menelau contar a Telêmaco, filho de Odisseu, o que sabia sobre o paradeiro de seu pai com base nas predições do "velho marinho infalível" (HOMERO,

2005, IV, v. 349). À vista disso, foi possível relacionar a figura mitológica de Proteu ao protagonista do conto muriliano, Teleco, a respeito do qual se descobriu "que a mania de metamorfosear-se em outros bichos era nele simples desejo de agradar ao próximo" (RUBIÃO, 2014, p. 53).

Ou seja, foi por meio de Proteu que começaram as correspondências entre as obras clássica e contemporânea, que progrediram também em função do elemento marítimo. Isso porque, em primeiro lugar, *Odisseia* é introduzida pelo narrador de modo a se fazer notar, além das peripécias do varão Odisseu, o mar e os sofrimentos por ele causados: "Muitas cidades dos homens viajou, conheceu seus costumes / como no mar padeceu sofrimentos inúmeros na alma, / para que a vida salvasse e de seus companheiros a volta." (HOMERO, 2005, I, v. 3-5). O mar parece se comportar, como aponta José C. de Souza (1966), para além do que somente o caminho das embarcações e homens, como um dos meios obstantes ao regresso de Odisseu, pelo qual o herói passa por dolorosos episódios, a se constatar nestes versos: "Todos os que conseguiram fugir da precípite Morte / já se encontravam na pátria, da guerra e do mar, enfim, salvos" (HOMERO, 2005, I, v. 10-11).

Além disso, o fato de o mar se colocar como um empecilho à volta de Odisseu decorre de o herói ter também cegado o ciclope Polifemo, filho de Poseidon, o que instaurou o ódio na divindade-mor dos mares, garantindo que o pai de Telêmaco permanecesse longe de sua terra (HOMERO, 2005, I, v. 68-79). Ainda nessa perspectiva, Souza (1966) chega a ressaltar que o mar, principalmente ao longo do quarto capítulo da *Odisseia* – que, por sinal, traz o deus marinho Proteu –, é evocado para que assim o sejam os feitos seus, como conduzir dramaticamente homens (entre eles, o próprio Odisseu) a guerras, engolir e assolar navios, decidindo, enfim, os destinos daqueles que ousaram atravessá-lo.

Aproveita-se, por este ângulo, a articulação feita por Marcel Détienne e Jean-Pierre Vernant sobre o contexto marítimo, sendo um dos possíveis

domínios em que a *métis* – conceito, de modo sucinto, relativo às "astúcias da inteligência" – pode ser exercida, o seu campo de ação. Cabe pensar que Proteu, em comum com os outros deuses marinhos, possui, "além do polimorfismo, uma inteligência astuta e um saber do tipo oracular" (2008, p. 102) e em que isso pode ser articulado com Teleco. Em conformidade com os mesmos autores, a metamorfose e os oráculos da água se combinam em divindades como Proteu, que são ondulantes e inapreensíveis, ambíguas e contraditórias, dotadas do saber do futuro, isto é, daquilo que pode vir a ser.

No começo de *Teleco, o coelhinho*, faz-se presente também o mar, em frente ao qual Teleco justamente conhece o narrador, convencendo-o, por conseguinte, de que convidá-lo à sua casa seria uma opção viável. Nesse sentido, Teleco, mais uma vez, pode ser associado à figura de Proteu, a julgar principalmente pelo dom da astúcia e da metamorfose que têm em comum, além do vínculo com o mar que ambos estabelecem. Entretanto, é também à vista do mar que o narrador se encontrava "absorvido com ridículas lembranças" (RUBIÃO, 2014, p. 52), passagem em que já se configuraria um possível conflito entre o passado, expresso pelas memórias da última personagem, e o futuro, expresso, exatamente como com Proteu, também por Teleco. Aliás, quanto a isso, vale lembrar que o futuro do coelho não é aquele linear, à luz de uma progressão coerente de acontecimentos, mas, sim, ondulante, líquido, já que a personagem passa por contingentes metamorfoses com fins incertos e imprevistos. Assim, o que se pode constatar é que o mar não parece ter sido colocado de modo aleatório no referido conto.

É relevante salientar que é impossível a defesa de que Murilo Rubião não tinha ciência do mitológico Proteu, posto que, em outro de seus contos, *Petúnia*, se faz clara a referência à figura, como indicam os próximos excertos: "— Papai, quando virão os proteus?" (RUBIÃO, 2014, p. 184) e "Ao lado, bailavam risonhos os titeus e proteus." (RUBIÃO, 2014, p. 188).

Falando no conto "Petúnia", uma de suas principais personagens, Éolo, se originou igualmente na mitologia grega, sendo o deus dos ventos, e aparecendo também na *Odisseia* em seu décimo capítulo. Ora, mesmo que não caibam a Proteu ou a Éolo maiores ênfases desta análise, constata-se, por meio da obra homérica e tais personagens, uma chave de leitura, um rastro deixado pelo autor a sugerir o teor mitológico de sua obra, uma passagem a dar direção a elementos que melhor ensejariam a compreensão de sua contística como um todo, norteando potenciais estudos.

Não obstante, podem ainda ser observadas maiores referências de *Teleco, o coelhinho* a *Odisseia*. Para tanto, é necessário levar alguns tópicos em consideração, como o fato de a obra homérica abrigar também a figura de Telêmaco, fruto da união de Odisseu à Penélope, com a qual o Teleco poderá vir se corresponder. Trata-se de uma referência possível somente pela mediação de Proteu, o primeiro a dialogar com o conto a partir de temáticas comuns com o coelho muriliano, como a metamorfose e a conexão com o mar. À vista disso, também se deve levar em consideração que, ao menos no início da obra homérica, é Telêmaco aquele a garantir evidência, evoluindo e desenvolvendo, durante a procura por seu pai – desviado inúmeras vezes, por vários motivos, de sua rota –, seu potencial guerreiro e sua formação enquanto homem. Na última obra e personagem referidas recai o maior foco da análise do presente trabalho, considerando que é com Telêmaco que mais se relacionará Teleco. Tornar-se-á inegável, como se quer mostrar aqui, o parentesco entre as composições. Com isso, a intenção é perceber como o legado homérico, com o amparo da figura de Telêmaco, foi recebido pela gênese muriliana no conto *Teleco, o coelhinho*, principalmente pelo protagonista Teleco.

OS LIMITES ENTRE TELÊMACO E TELECO

Decerto, algo que, após a leitura da seção anterior, já tenha sido percebido é a semelhança entre os nomes das personagens sobre as quais, aqui, se intenciona refletir, "Telêmaco" e "Teleco", havendo apenas a

supressão de duas letras do primeiro nome para o segundo.

Porém, não é só pelos nomes que se dá a proximidade entre Telêmaco e Teleco, pois há mais afinidades que podem ser estipuladas. Ainda no começo de *Teleco, o coelhinho*, é possível perceber, além da presença marítima, quão meritório é o modo como Teleco consegue, em pouco tempo, sair de uma abordagem grosseira, passar por uma interpelação mais polida, até chegar a uma conversa de "velhos amigos" (RUBIÃO, 2014, p. 52) com alguém que apenas acabara de conhecer, operando, como já dito, sua astúcia perante o narrador. Em Telêmaco, as aptidões retóricas e a ligação com o mar se fazem igualmente presentes, pois a personagem se trata de um navegante que, apesar de constantemente visto à sombra do pai Odisseu, pelo menos nos discursos parece ganhar um maior reconhecimento, já que causavam os deuses inspiração para tal: "Foram teus mestres, por certo, Telêmaco os deuses eternos, / que te ensinaram o orgulho e a falar desse modo grandíloquo." (HOMERO, 2005, I, v. 384-5).

Ou seja, é defensável afirmar que o começo do conto muriliano dá refúgio a pontos em que se correspondem a sua personagem principal, Teleco, e a personagem homérica também de destaque, Telêmaco. Outro aspecto que aproxima as personagens citadas é a condição de hóspedes em que estiveram durante suas trajetórias, não sendo de todo espanto o fato de que Teleco não se dá bem com os vizinhos do narrador tal e qual Telêmaco com os pretendentes de Penélope.

Entretanto, anterior ao corpo do conto propriamente, algumas das temáticas de contato apresentadas entre obras, como a marítima, já se mostravam acessíveis pela epígrafe, elemento literário recorrentemente empregado por Murilo Rubião. Dada a extrema relevância das epígrafes à obra muriliana, considerando, a saber, que nelas continham pontos específicos e imprescindíveis ao entendimento dos contos, discorrer-se-á mais sobre elas em breve. Mas, antes disso, esteja confirmada a presença do mar na epígrafe do conto em questão, *Teleco, o coelhinho*, que segue na

íntegra: "Três coisas me são difíceis de entender, e uma quarta eu a ignoro completamente: o caminho da águia no ar, o caminho da cobra sobre a pedra, o caminho da nau no meio do mar, e o caminho do homem na sua mocidade.". Existe, assim, a passagem proveniente da Bíblia Sagrada, do livro bíblico *Provérbios* (XXX, 18-19), que logo assinalaria, enquanto a epígrafe do conto, o caráter antagônico do mar, na medida em que este se configura – o contexto e a estrutura do período sugerem pela respectividade – como um dos três itens suscetíveis à incompreensão.

A utilização de epígrafes bíblicas introdutórias aos contos é uma das mais conhecidas peculiaridades da contística muriliana. Aliás, sobre isso, o autor, nove dias antes de morrer, sustentou em sua última entrevista, concedida à Folha de São Paulo em 1991 e disponível[2] no *site* oficial em sua homenagem, algo intrigante e que muito enriqueceria a hipótese do subtexto mitológico ao querer dizer que suas epígrafes eram sempre extraídas do Antigo Testamento:

> E só do antigo testamento, que é exatamente o mais mitológico, o mais forte, e de uma religiosidade violenta... Não tem aquela coisa de multiplicar pão nem peixes. É aquela violência das profecias, do mundo acabar, do castigo, de Deus castigar violentamente os infiéis, um Deus que expulsa Adão e Eva do Paraíso, que é pouco compreensivo, mas autêntico.

Como assegura Antoine Compagnon, a epígrafe se torna uma citação por excelência, de valor complexo, e representa, de alguma forma, o que está para ser dito: "Sozinha no meio da página, a epígrafe representa o livro – apresenta-se como seu senso ou seu contrasenso –, infere-o, resume-o." (2005, p. 121). Além disso, estabelece-se, por meio dela, a relação do texto com um outro texto, do texto com um autor antigo, ou seja, exatamente aquilo que se enxerga nos contos murilianos. Conforme palavras de Murilo Rubião em entrevista, as epígrafes por ele empregadas sugerem, ao que parece mais uma vez, o diálogo com a matéria mitológica nos contos, porém, nessas ocasiões, por meio do viés bíblico. É a fusão do que é bíblico

[2] Endereço: https://goo.gl/w8wh5L.

e mitológico um dos fatores que garantem uma obra tão singular e, assim sendo, tão fantástica, dentro dos mais variados sentidos que a palavra pode adquirir.

Em *Teleco, o coelhinho*, isso não é diferente. Em se tratando de Murilo Rubião, é presumível que a epígrafe desse conto abrigue ainda mais vestígios do que aparenta. Apesar de, na epígrafe do conto, ter sido o que o Eloísta diz ignorar, não se pode, aqui, ignorar a parte que diz sobre "o caminho do homem na sua mocidade", simplesmente uma sentença essencial a todo o conto. É ela que abre as portas para, talvez, a maior chave de entendimento proposta neste trabalho.

Como se viu há instantes, a epígrafe do conto que tem o coelho Teleco como protagonista reporta ao jovem, à juventude. Existe, surpreendentemente, uma versão grega[3] correspondente ao nome "Teleco", sendo ela "τηλικος", cujo significado está relacionado à idade e, mais amplamente, ao tempo. Uma de suas transcrições é: "*of such an age, so old* or *so young*"[4], tratando-se daquilo que é ou muito novo ou muito velho, uma definição que entra em consonância com vários trechos do conto, como quando o narrador, ao contemplar o mar juntamente com o coelho e escutar dele histórias aleatórias, o supôs "com mais idade do que realmente aparentava" (RUBIÃO, 2014, p. 52). Outro significado atribuído a "τηλικος" é "not *so young* as to stay at home", algo como "não tão jovem para ficar em casa". Curioso é pensar como Teleco é expulso da casa do narrador quando na forma de homem e finda o conto, de volta à mesma casa, na forma de uma criança. Aí, o "jovem" e o "velho" se fazem também presentes. Enfim,

[3] "Telikos": I. "*Of such an age, so old* or *so young*" (…), "not *so young* as to stay at home" (…); II. "*So great*" (…).

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robertt. *A Greek-English Lexicon, revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie*. Oxford: Clarendon Press, 1940.

[4] Cuja tradução mais literal seria: "*De certa idade, muito velho* ou *muito novo*".

percebe-se que há, já por meio do nome "Teleco", uma marca linguística que remete ao campo do temporal.

Um importantíssimo parêntesis: dois itens da epígrafe bíblica do conto *Teleco, o coelhinho* agregam e são de extrema importância à análise, sendo eles "o caminho da nau no meio do mar" e "o caminho do homem na sua mocidade". Ou seja, elementos como o mar e o tempo se fazem presentes também pela epígrafe e, nesse sentido, é importante, inclusive, ponderar como Telêmaco traça o caminho para fora da mocidade em uma nau. Assim sendo, "τηλικος", tido cá como "Teleco", e a implicação de suas definições, pela relação com questões de tempo, idade e juventude, concordam absurdamente com a condição inicial de Telêmaco na Telemaquia. Aí, Telêmaco e Teleco se correspondem mais uma vez.

Contudo, no começo da obra homérica, constata-se um Telêmaco que, por se tratar ainda de um "jovem" (como em: XV, v. 496; XX, v. 241), uma "criança" (como em: XVIII, v. 229, 530; XX, v. 309), termos usados para se referir à personagem, sofre de infortúnios como ingenuidade e falta de experiência, completamente naturais a um de sua idade. Esses são alguns dos elementos que justificam o porquê de Telêmaco jamais ter conseguido, por exemplo, expulsar aqueles que desonravam Odisseu, tentando ganhar a mão de Penélope, ou mesmo ser ouvido, respeitado, isto é, se impor perante eles, amargando-se, assim, pelos abusos que cometiam. Quando Palas Atena, na forma de – literalmente – seu mentor, o convence de se ausentar, é que se passa a acompanhar como Telêmaco, de modo claro e nítido, abandona a sua condição anterior e inicia sua trajetória para se tornar herói e homem, capaz de, como bem já disse Carlos A. Nunes (2001), em prefácio de sua tradução à *Odisseia*, tomar parte em acontecimentos ao seu redor. Exemplo disso é quando auxilia Odisseu, ativa e fortemente, no combate dos pretendentes da mãe (HOMERO, 2005, XXII, v. 170-501). Assim, instaura-se também uma aparente necessidade de Telêmaco de se fazer homem: "Que ninguém faça, portanto, nenhuma insolência aqui

dentro, / pois já me encontro capaz de observar as ações e entendê-las, / todas, as boas e más, pois agora já não sou criança." (HOMERO, 2005, XX, v. 308-0).

Eis, então, a melhor correspondência entre as obras. Se Telêmaco passa por toda essa metamorfose (se é que assim podemos chamá-la) ao final da juventude, deixando o "moço" (como em: XV, v. 110; XX, v. 295; XXI, v. 313) para se tornar um homem feito, parece que também o faz, em alguma medida, Teleco. É certo que a personagem de Murilo Rubião nada apresenta de herói do modo como o faz Odisseu – talvez seja até o oposto disso, a se ver pela trágica morte de Tereza, personagem por quem o coelho se apaixona –, mas apresenta aspectos relativos ao homem, uma vez que Teleco se pretende homem. Logo pela epígrafe, com a qual, como já apontado, é preciso maior cautela, é possível captar, além da história de um coelho que passa por inúmeras metamorfoses desejando uma identidade, principalmente uma reflexão sobre "o caminho do homem na sua mocidade" (RUBIÃO, 2014, p. 12), conforme aponta Vera L. Andrade em prefácio, intitulado "Vida e obra de Murilo Rubião", ao livro de contos murilianos.

Depois de ter se transformado em diversos animais, tais como tigre, pulga e canguru, Teleco resolve se estabelecer na forma de Antônio Barbosa. É quando conta com o amparo de Tereza, à qual cabe, sobretudo, o ofício de confirmar a condição humana de Teleco. Ora, o amparo feminino não é novidade, uma vez registrada, na jornada de Telêmaco, a presença de Palas Atena, assistindo sua formação de herói e de homem. Retornando ao conto, Teleco, ao sair de modo drástico da casa do narrador na companhia de Tereza e arranjar o emprego de mágico, insistia em se afirmar como o homem Barbosa, ainda que não tivesse completamente abandonado suas metamorfoses. Ademais, a mesma necessidade de se fazer homem que se viu em Telêmaco parece se estabelecer também aqui, pois há mais de um trecho em que isso é percebido: "— De hoje em diante serei apenas homem."

(RUBIÃO, 2014, p. 55) e "— Não, sou um homem!" (RUBIÃO, 2014, p. 58).

É interessante também observar como as personagens de Telêmaco e Teleco passam a ser vistas por um ângulo mais hostil após atingir o status de homens, tendo em vista que, anteriormente, embora carentes de algumas virtudes, eram dotadas de outras, como juízo e docilidade. Quanto a Telêmaco, Penélope ainda haveria de defender que o filho, agora um homem, não mais possuía "o espírito dentro do peito" (HOMERO, 2005, XVIII, v. 215), além de alegar: "Ora que a idade viril atingisse e já estás mais crescido, / por modo tal que, se gente de fora te visse tão belo / e de tal porte, julgara que de homem ditoso nasceste, / já não demonstras possuir reflexão nem justiça no peito." (HOMERO, 2005, XVIII, v. 217-0). Quando criança, Telêmaco era mais servido, na opinião de Penélope, de valores como "tino" (HOMERO, 2005, XVIII, v. 216), em comparação com sua fase mais madura. Já quanto a Teleco, convertido em Antônio Barbosa, a personagem passou também a manifestar "hábitos horríveis" (RUBIÃO, 2014, p. 56), passagem em que talvez estejam maiores críticas de Murilo Rubião à condição humana. Isso se dá tanto no que diz respeito às atitudes que tinha, como "a extrema vaidade que o impelia a ficar horas e horas diante do espelho" (RUBIÃO, 2014, p. 56), quanto à sua própria figura, de "pele [...] gordurosa, membros curtos, alma dissimulada" (RUBIÃO, 2014, p. 56). Assim sendo, é até plausível dizer que há uma metamorfose, uma transformação relativa à representação de Telêmaco e Teleco, visto que ambos acabam recebendo, na medida em que se tornam, com efeito, homens, traços negativos pelas obras.

Em *Teleco, o coelhinho*, essa mudança de perspectiva pode ser averiguada também quando o coelho, na configuração de um homem, sofre investidas por parte do narrador, culminando tal episódio na expulsão de Antônio Barbosa de sua casa: "— Se é Barbosa, rua!" (RUBIÃO, 2014, p. 56). Na visão do narrador, sendo Teleco agora um homem, é admissível que consiga, por exemplo, moradia e sustento por conta própria, podendo dar,

assim, novos rumos à sua vida. Algo similar a essa ocasião já foi, aqui, apontado, quando Palas Atena impulsiona Telêmaco a sair do lar na tentativa de que encontrasse o pai Odisseu, dizendo-lhe que deveria tomar atitudes mais condizentes com a idade adulta então alcançada: "Tu, também, caro! Crescido te vejo e com bela aparência. / Sê corajoso, porque também possam vindoiros louvar-te." (HOMERO, 2005, I, v. 301-2).

Porém, há um momento em que Telêmaco e Teleco se desencontram. É de se atentar que, se é linear o percurso temporal de Telêmaco na *Odisseia*, isso em relação à sua idade, às fases de sua vida, havendo a personagem partido da condição de inocente criança em direção à consolidação do homem e herói em si, não o é o de Teleco em *Teleco, o coelhinho*. Depois de se transformar no maior número possível de animais e também em um homem, finda-se o conto com a última e mais inusitada metamorfose de Teleco. Tratava-se, dessa vez, de uma criança, porém já morta. Às avessas de Telêmaco, o percurso da personagem muriliana assim se configura: com a forma inicial de um coelho, Teleco se transfigura em inúmeros animais, logo chegando à forma de um homem e, por fim, à de uma "criança encardida, sem dentes" (RUBIÃO, 2014, p. 59).

Este é um tópico crucial em que há divergências entre tais personagens, isso porque, com elas se equiparando em diversos graus, como visto ao longo do artigo, é admissível que ainda se encontre uma significação a mais, algo que Murilo Rubião tenha assinalado ao trazer todo a narrativa de Telêmaco à tona. Sim, é claro que existe um objetivo quando se faz uma aproximação em tantos níveis; não obstante, quando o foco está naquele que se pretende e se quer divergir disso, existe também um outro efeito que se quer mostrar. Nesse caso, observou-se que múltiplos vestígios convergiram para uma verossímil relação entre Telêmaco e Teleco, acompanhada por aspectos relativos, a saber, ao tempo e fases da vida, especialmente o que transita entre o juvenil e o adulto. Por conseguinte, agora que os olhares estão concentrados em Telêmaco, é oportuno refletir

sobre a discrepância com a personagem muriliana.

Conclusões

Neste artigo, foi proposta uma análise de viés mitológico a partir do conto *Teleco, o coelhinho* de Murilo Rubião, em que há a narrativa de Teleco, um coelho contemplado pela arte metamórfica a cobiçar a forma humana e morrer (como uma) criança, encardida, sem dentes. O referido autor, por meio das chaves de leitura e dos rastros que deixou, fez com que se acreditasse que a narrativa de cunho mitológico de Telêmaco, em particular a exposta pela obra *Odisseia* de Homero, complementaria, em algum sentido, o conto em questão.

Com efeito, é de muita valia o que a personagem homérica pode oferecer ao conto, especialmente se se observar que, conforme diversos autores e críticos veementemente afirmam, entre eles John A. Scott (1918), o que realmente se tem nos primeiros capítulos da *Odisseia*, a Telemaquia, é uma narrativa sobre o desenvolvimento de Telêmaco, o qual se dá em vários níveis, mas, principalmente, em dois: a formação enquanto herói e enquanto homem. Existe, por assim dizer, a história de um filho à procura de seu pai, fazendo-se, no decurso, um notável guerreiro.

O esforço de tentar assimilar as heranças, o parentesco, a recepção de uma obra à outra e de uma personagem à outra consiste no que se almejou fazer ao longo do artigo, pretendendo, acima de tudo, uma literatura comparada que auxiliasse no entendimento daquilo que é acolhido ou rejeitado, é entendido, imitado, distorcido, parodiado[5] por Murilo Rubião. Todos os movimentos empreendidos pelo autor hão de ensejar possibilidades de leitura que até mesmo escapariam à pretensão original. Finalmente, tudo isso se torna ainda mais promissor à presente análise

[5] Segundo Linda Hutcheon em "Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX" (1985), o conceito de paródia, em suma, diz respeito a uma abordagem textual que difere da tradição, tal como uma repetição com certa distância crítica, de modo a acentuar a diferença ao invés da semelhança.

considerando que também parece haver um desenvolvimento em Teleco, mas um desenvolvimento que se difere daquele por que passa Telêmaco, principalmente pela natureza fantástica que apresenta. Assim sendo, este e inúmeros outros pontos de diálogo oportunizaram que se traçasse o seguinte paralelo: enquanto Telêmaco abandona a criança e se torna um homem, Teleco, por outro lado, abandona o homem e se torna uma criança, uma criança não mais com vida. E por quais razões isso se daria e que implicações traria ao ir de encontro ao conto?

Em primeiro lugar, é oportuno dizer que todas as correspondências identificadas permitem que se note, sobretudo, como pode ter se dado a leitura de obras como *Odisseia* e personagens como Telêmaco e Proteu por Murilo Rubião, transcendendo o que seria uma mera imitação ou interação com a matéria mitológica ou mesmo aquilo que se considera um estranhamento à contística. Como René Wellek (1994) já indicou ao reproduzir uma fala de Robert Lowth (1953) em seu artigo *O nome e a natureza da literatura comparada*, é necessário, para que se possa efetivamente entender uma literatura, ler tudo com os olhos do outro, avaliar tudo por suas opiniões.

Contudo, com a observação dos subtextos, já bem apontados por Sandra C. Nunes e também referenciados ao começo do artigo, tal dever se torna um pouco mais complicado; cada um deles ganha vida com o fantástico e é capaz de oferecer uma outra dimensão à contística muriliana. Enfim, o que salta aos olhos é que, sem o recurso que fornecem a obra e personagem homéricas, os quais se encaixariam perfeitamente no subtexto mitológico, outra leitura de *Teleco, o coelhinho* não teria sido possível, assim como não teria sido possível reconhecer a contribuição à interpretação do conto que proporcionaram, em especial, as questões temporais, isto é, relacionadas à idade, ao que é jovem e ao que é adulto, e as questões relacionadas à formação por que inevitável e necessariamente se passa para se tornar, de fato, um homem. Não significa que houve a pretensão de se

trazer o valor original dos objetos recortados – algo deveras impraticável no contexto das sociedades contemporâneas –, mas, sim, outras pretensões, como a de conferir sentido à vida, à existência, ou mesmo fundamentar, justificar o mundo e o homem.

Por conseguinte, pode-se pensar a diferença entre Telêmaco e Teleco, depois de tantas semelhanças que ensejaram a aproximação entre os dois, como um tópico estratégico para atrair atenção a um determinado assunto, uma oportunidade para se meditar sobre questões inerentes ao ser humano, como o existencialismo ou a inevitabilidade da morte. Até mesmo, no sentido contrário, pode-se propor, por exemplo, que não mais se encontra viva, em Telêmaco, a criança que já foi um dia, por ter cedido lugar ao ilustre homem e herói de agora, a que tantos aspiraram ou desacreditavam que fosse. Indubitavelmente, seria essa uma bela leitura sobre "o caminho de Telêmaco em sua mocidade". Isso encontra fundamento considerando que, conforme afirma Jorge L. Borges (2007) no ensaio *Kafka e seus precursores*, à medida que novas leituras são feitas, a percepção das leituras anteriores há de ser alterada. Neste caso, é possível fazer surgir uma nova leitura de Telêmaco a partir da personagem de Teleco no conto *Teleco, o coelhinho*, tão interessante quanto a que se fez de Teleco a partir das personagens Proteu e Telêmaco na obra homérica *Odisseia*.

Espera-se que tenham sido confirmados tópicos pertinentes ao conto analisado, como a destreza do autor em adquirir tantas referências, a fim de que fossem elencados vastíssimos conteúdos de modo a suscitar reflexões de várias naturezas e também como o subsídio da mitologia grega é capaz de alterar a construção de pareceres na contística muriliana, ora surgindo por meio de símbolos, ora como recurso hermenêutico, mas desempenhando papel determinante à sua compreensão. Com respeito a isso, ainda como afirma o crítico René Wellek sobre a literatura comparada, uma obra de arte, como a muriliana, é mais que uma simples soma de fontes e influências, é um conjunto "em que a matéria-prima provinda de qualquer

parte deixa de ser matéria inerte e é assimilada numa nova estrutura" (1994, p. 111).

Por isso é que a citação tem vez na contística de Murilo Rubião, o que confirmam seções como a epígrafe ou tônicas como a bíblica ou mitológica. É quando, como visto nesta análise de *Teleco, o coelhinho*, personagens como Telêmaco ou Proteu passam a proporcionar, ao ganhar vida e espaço em um novo contexto, também novos valores, novas perspectivas, isto é, a proporcionar novas leituras. Já quanto ao autor, tudo o que se sustentou permite também que seja percebido, antes de um hábil escritor, o exímio leitor que foi Murilo Rubião. Nesse ponto, vale ressaltar o que diz Jacyntho L. Brandão sobre a natureza mítica: "Não há no mito elementos vazios de sentido, tudo é intencional" (1985, p. 14). E, com base em tudo isso, também se pode defender, aqui, que nenhuma palavra, nenhuma personagem, nenhuma ação, nenhuma alusão teria surgido se a ela não houvesse um efeito específico e planejado à contística, à luz de muito tempo, esforço, estudo por parte de Murilo Rubião, sendo isso o que motivou a feitura deste artigo. A essa altura, é extraordinariamente difícil acreditar que seriam Telêmaco ou Proteu os primeiros a abrir uma exceção.

Referências

DIEL, Paul. *O simbolismo na mitologia grega*. Prefácio de Gaston Bachelard e tradução de Roberto Cacuro e Marcos Martinho dos Santos. São Paulo: Attar Editorial, 1991.

BORGES, Jorge Luis. Kafka e seus precursores. In: _____. *Outras inquisições*. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Por que Édipo? In: *O enigma em Édipo Rei*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1985.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

DE SOUZA, José Cavalcante. A experiência do mar na "Odisséia". *ALFA: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), v. 9, p. 63-76, 1966.

DÉTIENNE, Marcel; VERNANT, Jean-Pierre. *Métis (As astúcias da inteligência)*. São Paulo: Odysseus, 2008.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX*. Tradução de Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 1985.

RUBIÃO, Murilo. *Murilo Rubião – Obra completa*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: Literatura comentada.* São Paulo: Editora Abril, 1981.

SCOTT, John Adams. The journey made by Telemachus and its influence on the action of the "Odyssey". *The Classical Journal*, The Classical Association of the Middle West and South, v. 13, n. 6, p. 420-428, 1918.

WELLEK, René. O nome e a natureza da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo; CARVALHAL, Tânia. *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

[i] E-mail da autora: amandaberchez@gmail.com

[ii] E-mail do autor: wellingtonlima@unifal-mg.edu.br